ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES

João Paulo Sgnaolin Moreira Araújo

A GENEALOGIA DA GUERRA CULTURAL E SUA IMPLANTAÇÃO NO BRASIL A PARTIR DA DÉCADA DE 60

Resende
2019

João Paulo Sgnaolin Moreira Araújo

A GENEALOGIA DA GUERRA CULTURAL E SUA IMPLANTAÇÃO NO BRASIL A PARTIR DA DÉCADA DE 60

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares.**

Orientador: Uyrajá Lucas Mota Diniz – Capitão Capelão Militar

Resende
2019

João Paulo Sgnaolin Moreira Araújo

A GENEALOGIA DA GUERRA CULTURAL E SUA IMPLANTAÇÃO NO BRASIL A PARTIR DA DÉCADA DE 60

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares.**

Aprovado em ____ de _____ de 2019:

Banca examinadora:

_____

Uyrajá Lucas Mota Diniz – Cap Capelão Militar
(Orientador)

_____

Everton Araújo dos Santos – Ten Cel Cav

_____

Felipe Vieira Leite – Maj Cav

Resende
2019

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me guiou por este caminho, aos meus pais e minha família, cujo apoio foi imprescindível nesta minha jornada de formação, e aos gigantes que me antecederam e me passaram a tocha da conservação de nossos valores e tradições.

RESUMO

A GENEALOGIA DA GUERRA CULTURAL E SUA IMPLANTAÇÃO NO BRASIL A PARTIR DA DÉCADA DE 60

AUTOR: João Paulo **Sgnaolin** Moreira Araújo
ORIENTADOR: Uyrajá Lucas Mota Diniz – Capitão Capelão Militar

Esta monografia aborda a estratégia gramscista de revolução comunista no Ocidente e seu caminho até chegar em solo brasileiro. O objetivo do estudo é entender o processo revolucionário de Antonio Gramsci, em que consiste e como se dá, e sua trajetória da Casa Penal de Turi às universidades brasileiras. A metodologia adotada comportou uma pesquisa bibliográfica, visando buscar referencias teóricas. O campo de estudo deu-se através da apreciação da obra "A Revolução Gramscista no Ocidente", do General Sérgio Coutinho, e do estudo de artigos que versam sobre a influência do pensamento gramscista no Brasil.

Palavras chave: Antonio Gramsci, Revolução Cultural, Guerra Cultural.

ABSTRACT

CULTURAL WAR GENEALOGY AND ITS IMPLANTATION IN BRAZIL FROM DE DECADE OF THE 60'S

AUTHOR: João Paulo **Sgnaolin** Moreira Araújo
ADVISOR: Uyrajá Lucas Mota Diniz – Capitão Capelão Militar

This study approaches the gramscist communist revolution strategy in the West and it's path until arriving at Brazilian soil. The object of this study is to understand Antonio Gramsci's revolutionary process, what is it about and how it works, and it's trajectory from the Italian jail of Turi to the Brazilian universities. The study field was given through the appreciation of Gen. Sérgio Coutinho's book "A Revolução Gramscista no Ocidente" and the study of articles about the influence of Gramsci's thinking in Brazil.

Keywords: Antonio Gramsci, Cultural War, Cultural Revolution.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EUA	Estados Unidos da América
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PT	Partido dos Trabalhadores
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9
1.1 OBJETIVOS 10
1.1.1 Objetivos Geral 10
1.1.2 Objetivo Específico 10
2 REFERENCIAL TEÓRICO 11
3 ANTECEDENTES 12
4 FUNCIONAMENTO DO MODELO GRAMSCIANOS 14
4.1 DESCRIÇÃO DOS TERMOS GRAMSCIANOS 14
4.1.1 Sociedade Civil e a hegemonia 14
4.1.2 As relações entre o Partido e o Estado 15
4.1.3 Internacionalismo e nacionalismo 15
4.1.4 Luta de classes 16
4.1.5 Liberdade e Democracia 16
4.1.6 A Ética e a Moral 16
4.2 CONCEPÇÃO ESTRATÉGICA DE GRAMSCI 17
4.2.1 Guerra de movimento e guerra de posição 17
5. TRANSIÇÃO PARA O SOCIALISMO 18
5.1 PRIMEIRA FASE - ECONÔMICO-CORPORATIVA 18
5.1.1 Organização do Partido 18
5.1.2 Defesa da Democracia 19
5.2 SEGUNDA FASE - LUTA PELA HEGEMONIA 20
5.2.1 O Partido e os intelectuais 21
5.2.2 Organização das classes subalternas 21
5.2.3 Reforma intelectual e moral da sociedade 22
5.2.4 Neutralização do aparelho hegemônico e de coerção do grupo dominante 24
5.2.5 Ampliação do Estado 25
5.3 TERCEIRA FASE - ESTATAL 25
5.3.1 O Moderno Príncipe 25
5.3.2 A crise orgânica 25
5.3.3 A Tomada do Poder 26
5.3.4 Fundação do Novo Estado 29
5.3.5 Imposição da Nova Ordem 30
5.3.6 Transformação para o Socialismo 30
6 GENEALOGIA DA GUERRA CULTURAL 33

6.1 FASE ITALIANA 33
6.2 FASE BRASILEIRA 33
7 CONCLUSÃO 35

1 INTRODUÇÃO

Após a Segunda Guerra Mundial, o cenário político internacional dividiu-se entre os países do bloco capitalista, alinhados aos Estados Unidos da América, e os países do bloco socialista, aliados à URSS. Estes blocos disputavam países entre si para suas esferas de influência e, não raro, financiavam grupos armados no interior de países de blocos opostos para subverter sua ordem e tentar tomar o poder.

Neste contexto, o Brasil tornou-se alvo de diversas guerrilhas rurais e urbanas financiadas pela União Soviética que operaram no Brasil a partir da década de 50, realizando atos de subversão, sabotagem, sequestro, terrorismo e assaltos à mão armada. Com o advento do Regime Militar, estas guerrilhas foram duramente combatidas, fazendo com que a esquerda brasileira tivesse de procurar novas estratégias para chegar ao poder. No final dos anos 60, chegou ao Brasil a primeira tradução dos *Cadernos do Cárcere*, obra do socialista italiano Antonio Gramsci, que versavam sobre uma estratégia mais adequada para a chegada ao poder nos países de "Sociedade Civil" forte.

A estratégia gramscista mostrou-se fecunda no Brasil, tendo nas universidades o espaço que nas guerrilhas não dispunha para crescer, fazendo de cada estudante ou professor que propagasse suas ideias uma caixa de ressonância que abafaria qualquer pensamento divergente.

O tema deste trabalho é atual, porque a guerra cultural está em pleno curso nos países ocidentais. Não reconhecer a sua existência e não combatê-la apropriadamente poderá acarretar a destruição da cultura ocidental. Não se trata da substituição de valores de uma cultura por outra, se trata da destruição de toda a cultura de um povo. O que estão sendo modificados ou destruídos são os conhecimentos, as crenças, a moral, as leis, as artes, os costumes, a religião e os valores da nossa sociedade, como se pode constatar em muitos estabelecimentos de ensino do nosso país, nos meios editoriais, na mídia, na justiça, na psicologia, nas áreas sociais e em muitos outras da nossa sociedade.

Felizmente, ainda que com muito atraso, uma parte da sociedade está reconhecendo o potencial perigo deste movimento que vem se desenvolvendo há muitos anos e luta contra o tempo para se organizar e combatê-lo.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivos Geral

A guerra cultural é um assunto amplo e complexo; muito das estratégias utilizadas vem sendo desenvolvidas e aprimoradas ao longo dos últimos 60 anos, conforme foram sendo colhidos sucessos e fracassos. Além disso, o reconhecimento desta ameaça pelo Ocidente é relativamente recente e não se pode afirmar que nos dias atuais haja um domínio completo de todos os aspectos dessa ameaça.

Abordar todos os aspectos da guerra cultural é um trabalho que estaria fora do escopo de qualquer trabalho acadêmico, assim, o objetivo geral deste trabalho é apresentar o modelo de Guerra Cultural desenvolvida por Antônio Gramsci, os eventos que motivaram a sua origem, apresentar a personalidade e o papel desempenhado pelo seu fundador, apresentar o funcionamento da Guerra Cultural e analisar como ela difere do modelo tradicional utilizado para a implantação do socialismo.

Embora também opere no espectro cultural, em maior ou menor nível, este trabalho não tem por objetivo a análise das estratégias da Escola de Frankfurt e a estratégia de Desinformação Soviética, limitando-se somente à obra de Antonio Gramsci. O autor espera poder tratar destes outros temas em trabalhos futuros.

1.1.2 Objetivo Específico

Como objetivo específico, este trabalho tem por finalidade tratar de uma descrição geral do método revolucionário de Gramsci para países do tipo Ocidental. Discorre sobre os fundamentos da criação do Partido, sua Luta pela Hegemonia e a tomada do poder, dentro do contexto da transição para o socialismo, descrevendo sumariamente algumas de suas categorias e suas inovações ao modelo marxista-leninista.

Em seguida, traz-se a genealogia da obra de Gramsci, o caminho percorrido de sua escrita até as universidades brasileiras e os pontos mais importantes que levaram à disseminação de seu pensamento em nosso país.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Diferente da guerra convencional, que possui um campo de conhecimento muito bem delimitado e documentado, a guerra cultural é uma modalidade de conflito que só foi identificada recentemente. Como apresentado anteriormente, seu campo de atuação é a área cultural, que abrange um amplo leque de componentes (costumes, crenças, valores, religião, artes, leis, história etc.). Vários aspectos desta modalidade de conflito ainda estão sendo descobertos e estudados.

A estratégia da Guerra Cultural é baseada no pensamento do filósofo comunista italiano Antônio Gramsci, que no período de 1929 a 1935 escreveu em 33 cadernos o seu pensamento sobre a implantação do socialismo. Gramsci não escreveu nenhum livro e esses escritos ficaram conhecidos como "Cadernos do Cárcere".

Este trabalho é baseado na obra do Gen Bda Sérgio Augusto de Avellar Coutinho intitulado "A Revolução Gramscista no Ocidente - A Concepção Revolucionária de Antônio Gramsci em os Cadernos do Cárcere". Nesta obra, o Gen Coutinho analisa o pensamento de Gramsci contido nos Cadernos do Cárcere e estrutura a estratégia utilizada na atualidade para a implantação da Guerra Cultural contra o Ocidente.

Tendo em vista a natureza complexa e 'hermética', confusa, dos escritos de Gramsci, e o fato de que suas notas não foram divididas por meio de temas, mas sim escritas a medida que o autor as considerava, tomei a liberdade de tomar emprestado ao General Coutinho a estrutura com que dividiu o modelo gramscista, e por vezes fui obrigado a utilizar-lhe as expressões.

A compilação dos Cadernos do Cárcere, publicada pela editora Civilização Brasileira – Rio de Janeiro – 1999, pelo tradutor e editor Carlos Nelson Coutinho, que traz na íntegra os trechos mais relevantes dos escritos de Gramsci, também foram utilizadas neste trabalho.

A publicação "A Presença de Gramsci no Brasil" de Carlos Nelson Coutinho, publicado pela revista Em Pauta, Nº 22, 2009, também foi consultada.

3 ANTECEDENTES

No começo do Século 20, após a Primeira Guerra Mundial, ascendiam na Europa diversas ideologias e pensamentos políticos que propunham soluções para as crises econômicas e sociais da época. Entre estas crises podemos destacar o Comunismo, de caráter internacional, e os diversos movimentos de cunho fascista em âmbito nacional, como o Nacional-Socialismo na Alemanha, o Fascismo de Benito Mussolini na Itália, o Franquismo na Espanha, o Salazarismo em Portugal, entre outros.

Em 1917, próximo ao fim da Primeira Guerra, ocorre a Revolução Russa, responsável pela saída da Rússia do conflito, pela execução da família imperial e pela ascensão do Partido Bolchevique ao poder, dando origem ao primeiro país socialista do mundo.

Embora nos demais países europeus fosse forte a presença de organizações comunistas e condições favoráveis a uma revolução, assim como tentativas de tomada do poder, tal não ocorreu, tendo-se preservado suas formas de governo anteriores à guerra ou ascendido ao poder partidos nacionalistas de tendências fascistas.

Uma explicação para a impossibilidade da tomada do poder pelos comunistas seria dada por Antonio Gramsci. Intelectual marxista italiano, Gramsci, membro do Partido Socialista Italiano e simpatizante da revolução bolchevique, foi um dos fundadores do Partido Comunista Italiano. Exerceu intensa atividade intelectual nos anos 20, durante a ascensão do Partido Fascista na Itália. Com o endurecimento do regime, Gramsci foi preso e condenado em 1928 a mais de 20 anos de reclusão.

Durante o cumprimento de sua pena em cela individual (devido à sua saúde débil), Gramsci teve permissão para escrever e realizar leituras regularmente. Escreveu ele, então, de 1929 a 1935, notas diversas sobre filosofia, sociologia, política, crítica literária em notas dispersas em 33 cadernos escolares, conhecidos como os *Cadernos do Cárcere*. Nestes cadernos, trouxe contribuições ao marxismo e uma nova concepção de tomada de poder melhor aplicável às sociedades 'ocidentais' (países capitalistas, liberal-democratas adiantados), em oposição à estratégia marxista-leninista vitoriosa na Revolução Russa, país de tipo 'oriental' (de capitalismo atrasado e inexpressiva 'sociedade civil').

Estes cadernos dariam origem à estratégia marxista-gramscista que leva a guerra para o espectro cultural, além dos meios políticos e militares. Esta estratégia retira seu foco das ações de força para tomada do poder e imposição do socialismo e o coloca na destruição do inimigo através da destruição de todos os valores que sustentam a cultura e a sociedade daquele país, utilizando para isso a própria população como agente. É uma guerra lenta, mas que

desvirtua de uma maneira irreversível os alicerces de uma sociedade, preparando-a para a investida dos defensores da ideologia socialista sem que para isso haja necessidade de um conflito bélico.

4 FUNCIONAMENTO DO MODELO GRAMSCIANO

4.1 DESCRIÇÃO DOS TERMOS GRAMSCIANOS

Para conhecer o pensamento de Gramsci com relação à tomada do poder nas sociedades ocidentais é necessário apresentar uma série de termos e conceitos que para a sociedade democrática não são muito utilizados no contexto social e outros termos que já possuem um entendimento bem definido, mas que para o filósofo comunista italiano possuem um emprego muito específico e, em outros casos, um significado bem incomum, muitas vezes contraditório.

4.1.1 Sociedade Civil e a hegemonia

Coutinho define Sociedade Civil como:

> [...] espaço público (não estatal) no âmbito do qual as pessoas desenvolvem sua iniciativa, adquirem elementos próprios de identidade coletiva (consciência de classe) e se organizam em aparelhos voluntários privados, por meio dos quais, como grupo social dirigente, exercem a hegemonia (COUTINHO, 2012, p.22).

O conceito gramsciano de Sociedade Civil está ligado à transição para o socialismo nos países ocidentais e não deve ser confundido com o conceito jurídico de associação ou entidades que não tenham objetivos comerciais.

O conceito de Hegemonia está ligado à capacidade de um grupo social de influenciar a cultura na Sociedade Civil. Coutinho define Hegemonia como:

> [...] condição ou capacidade de influência e direção política e cultural que, por intermédio de organismos sociais voluntários (aparelhos privados de hegemonia), um grupo social exerce sobre a Sociedade Civil, que esta exerce sobre a Sociedade Política (Estado) e que o Partido de Classe exerce sobre todo o processo revolucionário, sobre a Sociedade Civil e sobre a Sociedade Política. (COUTINHO, 2012, p.24).

Para Gramsci, a obtenção da hegemonia do Partido tem três estágios distintos. O primeiro estágio é quando um grupo social exerce domínio sobre a Sociedade Civil. O segundo estágio é quando a Sociedade Civil, através da direção cultural, exerce domínio sobre a Sociedade Política. O terceiro estágio é o exercido pelo Partido na condução do processo revolucionário. Para conquistar o Governo, o grupo social tem que ser hegemônico, pois a hegemonia permite ao grupo obter o consenso e a direção política e cultural.

Segundo Coutinho, consenso é:

> [...] conformação coletiva do grupo social (concordância e adesão ativas), espontânea e livre, com as iniciativas do Estado que as propõe como necessárias para alcançar os fins que a sociedade pretende (COUTINHO, 2012, p.25).

Para Marx, a Sociedade Civil e o sistema econômico são estruturas[1]. Para Gramsci, a Sociedade Civil articulada à Sociedade Política é uma superestrutura[2] sobre uma estrutura econômica. O domínio do Estado, com seus meios de coerção, pela Sociedade Civil, com seus aparelhos privados de hegemonia, é o fundamento do Estado Ampliado, que é a expressão hegemônica da Sociedade Civil Organizada.

4.1.2 As relações entre o Partido e o Estado

Segundo Coutinho, no contexto socialista marxista, o Partido é o organismo que é o centro de direção e instrumento ativo do processo revolucionário de transição para o socialismo. Ele é a expressão de um grupo social e somente desse grupo. O Partido deve estar fora do Estado, mas é responsável pela formação dos dirigentes, garantindo a direção política e cultural do processo (COUTINHO, 2012, p 26).

O Partido, o Estado e a sociedade comunista sem classes são os elementos fundamentais do processo revolucionário marxista-gramscista. Para Gramsci, o Partido não é uma organização que representa uma classe, como acontece com os sindicatos, para ele, o Partido é a própria classe. Com relação ao Estado, ele o vê em um sentido bem mais amplo, articulado com a sociedade, tanto na dominação quanto na hegemonia; é o chamado Estado Ampliado.

4.1.3 Internacionalismo e nacionalismo

Gramsci acha que a revolução deve ser internacional, porém deve iniciar localmente em cada país. Uma vez socializado, esse país servirá de polo irradiador para os demais países. Porém, diferentemente de Lenin, para ele há dois tipos de sociedade: os países de Sociedade Oriental, com um capitalismo atrasado e onde a estratégia de Lenin de tomada de poder por via da força pode ser bem sucedida e os países da Sociedade Ocidental, que tem um capita-

---

[1] Estrutura - constitui o conjunto onde está a base econômica da sociedade; portanto, a economia, as formas de produção, as relações de produção e as relações de trabalho, estão marcadas pela exploração da força de trabalho no interior do processo de acumulação capitalista. A estrutura, assim, constitui o conjunto formado pela matéria-prima, pelos meios de produção e pelos próprios trabalhadores (onde se dá as relações de produção: empregados -empregados, patrões-empregados).

[2] Superestrutura - é a projeção, a expressão cultural, das formas e relações de produção; ou seja, é a expressão cultural da estrutura. Assim, a superestrutura é fruto de estratégias dos grupos dominantes para a consolidação e perpetuação de seu domínio (econômico, político e social). É composta pela estrutura jurídico-política e a estrutura ideológica (Estado, religião, artes, meios de comunicação, etc.).

lismo desenvolvido e onde a estratégia de Lenin não foi e nem será bem sucedida, sendo necessário uma nova abordagem estratégica para a tomada do poder.

4.1.4 Luta de classes

A opressão e o domínio exercidos pela classe burguesa, detentora dos meios de produção (fábricas, grandes latifúndios), sobre a classe do proletariado, formada por trabalhadores assalariados e camponeses, desprovidas dos meios de produção e, por isso, exploradas e forçadas a vender o seu trabalho para classe burguesa, são as condições que justificam a luta de classes.

Diferentemente do marxismo-leninismo, para Gramsci, esta luta possui dois momentos importantes: o primeiro é a conquista da hegemonia pelas classes subalternas sobre a Sociedade Civil; o segundo momento é a eliminação da burguesia como classe.

4.1.5 Liberdade e Democracia

Para Gramsci, a liberdade se caracteriza como a condição de autonomia alcançada pelo grupo social organizado depois da sua libertação da classe opressora. A liberdade individual é apenas um aspecto da liberdade coletiva. No grupo, as liberdades individuais são muitas, entretanto permanecem os interesses coletivos - a entidade a ser livre é o grupo. A liberdade do indivíduo existe, mas é relegada a segundo plano e consiste em poder aceitar livremente o processo revolucionário.

Democracia, para Gramsci, é o governo do povo, excluído os burgueses (não povo). Para ele, a democracia vislumbrada após a fase de tomada do poder não é representativa nem participativa, mas exercida no âmbito e por meio dos organismos privados, voluntários e homogêneos. Porém, na fase da sociedade burguesa, é lícito valer-se do regime democrático ocidental para dissimular-se e dar respaldo de legalidade, como por exemplo, na aceitação do pluralismo partidário (principalmente de esquerdas) chegando à aliança com partidos adversários quando for conveniente (COTINHO, 2012, p 31-32).

4.1.6 A Ética e a Moral

Para Gramsci, ética e moral não são conceitos estáticos e, sim, dinâmicos. A ética e a moral estão ligadas aos fins que a sociedade deseja alcançar, via de regra com o caminho que leva para o comunismo. Na ética gramscista, os fins justificam os meios.

4.2 CONCEPÇÃO ESTRATÉGICA DE GRAMSCI

Gramsci dividiu as sociedades em duas categorias. A primeira categoria são as sociedades de tipo 'oriental', de capitalismo primitivo, Sociedade Civil frágil, passiva, com pouca organização e sem maior articulação com o Estado. A segunda categoria são as sociedades de tipo 'ocidental', com Sociedade Civil forte, ativa, bem articulada com a Sociedade Política, dotadas de uma rede de 'trincheiras' e 'barreiras' por meio das quais o grupo dominante exerce o domínio e a direção sobre toda a Sociedade Civil.

Segundo Gramsci, o modelo marxista-leninista de implantação do socialismo através da tomada do poder pela força e imposição do socialismo é eficaz em sociedades de tipo oriental, mas não é exitoso em sociedades de tipo ocidental.

4.2.1 Guerra de movimento e guerra de posição

Para Gramsci, as condições entre países ocidentais e orientais eram diferentes, logo os processos de transição para o socialismo também deveriam ser. Ele categorizou a tomada frontal do Estado da estratégia leninista de 'guerra de movimento', ideal para países orientais, e advogou para as sociedades ocidentais, protegidas por 'trincheiras e defesas políticas e ideológicas' uma 'guerra de posição' a ser conduzida no seio da Sociedade Civil.

5. TRANSIÇÃO PARA O SOCIALISMO

O autor de Cadernos do Cárcere desenvolveu uma série de conceitos e utilizou os existentes com significados diferentes, mas a luta de classes continuou sendo o principal meio para a revolução socialista ou 'transição para o socialismo' na linguagem gramsciana.

Para o filósofo italiano, se a conquista do poder pela força, no que denominou de 'guerra de movimento', foi utilizada na Rússia, a mesma não era aplicável no Ocidente, com instituições mais desenvolvidas. Ele prega uma 'guerra de posição', longa e acirrada para conquistar cada trincheira da classe burguesa dominante.

A estratégia de Gramsci prevê um processo gradativo de transição para o socialismo em três fases distintas, mas que em determinados momentos se sobrepõe entre si: econômica-corporativa, Luta pela Hegemonia e a estatal.

5.1 PRIMEIRA FASE - ECONÔMICO-CORPORATIVA

Neste cenário, a burguesia exerce dominância sobre as outras classes. O proletariado tem uma visão limitada às preocupações corporativas, egoístas e passionais, próprias de suas carências e desorganização. Os sindicatos, produtos do capitalismo, tem apenas a natureza econômica-corporativa, não se preocupando com os problemas sociais de interesse da classe proletária. A classe burguesa exerce a hegemonia sobre a Sociedade Civil e a Sociedade Política. O regime político corrente pode ser um regime liberal democrático ou, em casos de exceção, uma ditadura efêmera.

Para a transição para o socialismo, duas atividades são fundamentais. A primeira é a organização do Partido, com foco na formação dos dirigentes; a segunda é a defesa da democracia liberal através da redemocratização e da ampliação do escopo da própria democracia.

5.1.1 Organização do Partido

Nesta fase, o partido da classe proletária é organizado para conduzir o processo que levará ao socialismo. Esse Partido não é um partido político comum, ele é mais amplo, é um partido revolucionário, tendo como principais funções a conquista da hegemonia, a direção das massas, da Sociedade e do Estado.

Ao longo do processo, o Partido está em contínua evolução, executando diversas funções. Na fase Econômica-Corporativa ele é o Partido-Classe, exercendo suas funções a semelhança dos partidos políticos comuns, porém com algumas funções inerentes às próximas fases. Na fase da Luta pela Hegemonia, exerce as funções do 'Intelectual coletivo' e na Fase

Estatal, exerce a função do Moderno Príncipe[3]. Uma vez consolidado o comunismo, ele deve desaparecer.

O Partido é dividido em três grupos de elementos. O primeiro grupo é a classe das pessoas comuns - a massa, que são os membros ou adeptos do Partido cuja participação e ativismo são dados pela fidelidade e disciplina. O segundo grupo são os dirigentes, que devem ter alta capacidade de coesão, de centralização, de disciplinação e de criatividade. O terceiro grupo é um elemento intermediário responsável por fazer a articulação física e moral entre o primeiro grupo e o segundo grupo. O terceiro grupo é altamente politizado e ativo o que garante a continuidade do Partido. Por estar mais exposto à destruição, é numeroso e deve preparar a herança ideológica, o ativismo e a formação dos sucessores, assim, se um elemento dirigente for destruído, é desse elemento intermediário que saíra o novo grupo de gestão do Partido (COUTINHO, 2012, p 44-45).

Uma vez criado o Partido, sua liderança deve ser exercida por um indivíduo ou um grupo pequeno, podendo ser alternada sem a perda de continuidade dos objetivos. Deve-se evitar o aparecimento de grupos dominantes ou castas em sua estrutura. O modelo de gestão do Partido é o centralismo democrático, não se tratando de uma democracia de Estado, mas uma democracia interna através da qual as ações a serem tomadas serão decididas pelo grupo dirigente. O Partido também é responsável pela formação dos próprios membros e dirigentes, desenvolvendo suas próprias intelectualidades.

Nessa fase, inicia-se a criação das organizações privadas, particularmente nos setores de comunicação social e no setor sindical. Os sindicatos não devem ser subordinados ao Partido e sim aparentar independência. As alianças de classe com grupos econômicos simpatizantes e até mesmo adversários são convenientes e necessárias.

5.1.2 Defesa da Democracia

A formação e desenvolvimento do Partido-Classe demandam democracia. Assim, a ação política do Partido estará voltada para assegurar a existência e ampliação da democracia no país. Essa ação irá garantir as condições para o Partido atuar com mais liberdade e ainda propiciará uma opinião pública favorável, dando uma postura de legitimidade ao Partido. A existência de um Estado democrático permitirá que membros do partido ocupem posições importantes no Governo, favorecendo as ações futuras do Partido.

Pode acontecer que o momento histórico que país vivencie seja o de uma ditadura e que o Partido esteja na ilegalidade. O objetivo imediato, então será o de reverter esta conjun-

[3] Uma alusão à obra "O Príncipe", de Maquiavel.

tura política e reestabelecer a democracia. O Partido, com ou sem apoio de grupos de oposição, realizará atos de desprestígio da ditadura. Os temas e palavras de ordem neste momento são de abertura política, anistia de presos políticos e a redemocratização. Ações clandestinas, como o terrorismo, também poderão ser conduzidas para atingir essa finalidade.

Uma vez derrubada a ditadura, o Partido deve buscar alianças com outros grupos políticos, preferencialmente grupos de esquerda (pluralismo de esquerdas). Essas alianças podem ser feitas e mantidas até o momento de tomada do poder

A formação do Partido-Classe e de seu quadro de dirigentes, bem como a preservação do regime democrático, permite a passagem para a próxima fase de transição para o socialismo: a Luta pela Hegemonia.

5.2 SEGUNDA FASE - LUTA PELA HEGEMONIA

Nos países capitalistas, a hegemonia na Sociedade Civil é exercida pela classe burguesa. Quando a classe proletária organizada e conduzida pelo Partido passa a disputar a hegemonia da Sociedade Civil com a classe burguesa, dá-se início à luta de classes, mesmo antes da tomada do poder. Este momento não visa a eliminação da classe burguesa, mas um equilíbrio de forças que pode comprometer as aspirações da burguesia.

Coutinho lembra que o conceito de hegemonia opera sobre três esferas:

> Pela classe dirigente no âmbito da Sociedade Civil;
> Pela Sociedade Civil sobre a Sociedade Política;
> Pelo Partido sobre todo o processo político cultural. (COUTINHO, 2012, p.49)

Na transição para o socialismo, a conquista da hegemonia pelas classes subalternas (proletariado) e a formação do consenso são o centro da concepção estratégica de Gramsci. Para ele é importante construir as bases do socialismo antes da tomada do poder.

A Luta pela Hegemonia prepara as condições políticas e culturais para a tomada do poder. Para isso, três objetivos devem ser buscados:

1) Elevar a classe proletária à classe nacional dirigente.
2) Inferiorizar a burguesia.
3) Enfraquecer o Estado burguês.

Segundo Coutinho, nessa fase serão empregados instrumentos e conduzidas ações políticas, intelectuais e morais assim relacionadas:

> 1 - Atuação do Partido e dos intelectuais orgânicos;

> 2 - A organização das classes subalternas;
>
> 3 - A reforma intelectual e moral da Sociedade Civil;
>
> 4 - Neutralização do aparelho privado e estatal de hegemonia e coerção da classe dominante;
>
> 5 - A integração (identidade-distinção) da Sociedade Civil e Sociedade Políticas; ampliação do Estado (COUTINHO, 2012, p.52).

5.2.1 O Partido e os intelectuais

Na Luta pela Hegemonia, o Partido tem a função de propagar o pensamento comunista-marxista, de elaborar a política e a ética. Ele é o formador das novas intelectualidades 'totalitárias' e o reformador intelectual e moral da sociedade. Essas funções identificam o Partido como o 'Intelectual coletivo'.

Gramsci enfatiza que o Partido é o formador de intelectuais orgânicos nos campos político e filosófico e a educação desses intelectuais não deve estar separada da educação das massas. Para ele, a elite tem uma função criadora dentro do partido, desenvolvendo os conceitos ideológicos. Assim, o intelectual não é apenas um orador, mas também um orientador, influenciador e conscientizador e por essa razão, todos os membros do partido devem ser considerados 'intelectuais'.

Para a formação do quadro de intelectuais, o Partido deve buscar a assimilação e a conquista ideológica dos intelectuais tradicionais: cientistas, filósofos, artistas... Estes intelectuais estão ligados a valores antigos, sem um ideologia de classe. Mais rápida será a conquista, quanto maior for a capacidade do grupo de assimilar e formar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos.

5.2.2 Organização das classes subalternas

Para Gramsci, a hegemonia não pode ser exercida diretamente sobre uma classe social difusa, ela deve estar apoiada em organismos coletivos permanentes que formem e orientem a vontade coletiva e que, uma vez desenvolvidos, possam assumir funções públicas. Estes organismos podem ser públicos ou privados e Coutinho os define assim:

> Um organismo coletivo é constituído de pessoas as quais se reuniram e aceitaram ativamente uma hierarquia e uma direção determinada (COUTINHO, 2012, p.55).

Os organismos privados podem ser organizações formadas por pessoas que voluntariamente se reúnem para realizar interesses comuns de indivíduos heterogêneos, não tendo necessariamente uma vontade coletiva, como as igrejas e as escolas, ou que procuram realizar

interesses políticos da classe, como sindicatos e partidos. Estes organismos constituem o aparelho privado hegemônico, base da ampliação do Estado.

Para Gramsci, os sindicatos só terão expressão hegemônica quando superarem sua natureza econômica-corporativa e alcançarem uma consciência política-ideológica.

Para Coutinho, as ONGs são os organismos privados de maior expressão e quando induzidas por um movimento político-ideológico, se tornam aparelhos privados de hegemonia, competindo com os sindicatos e, por vezes, com o Estado, no exercício de certas funções estatais (COUTINHO, 2012, p.56).

As organizações privadas de hegemonia possuem relação com as 'organizações-de massa' marxista-leninistas. Essas, porém, possuem uma finalidade mais abrangente que apenas o controle, enquadramento e manipulação da massa. Elas são os organismos de expressão e consenso e difusão da ideologia, constituindo a Sociedade Civil organizada. Esta, juntamente com a Sociedade Política, forma o Estado Ampliado.

5.2.3 Reforma intelectual e moral da sociedade

Em seus cadernos, Gramsci relata que a Luta pela Hegemonia dá-se pela reforma intelectual (ideológica) e moral (ética) da Sociedade Civil, primeiramente para elevar as classes subalternas de uma classe corporativa, que é meramente econômica, egoísta e passional, para uma classe nacional, com consciência e protagonismo. Em seguida, é necessário adequar a cultura popular à função de realizar a transição para o socialismo e, na sequência, exercer a hegemonia e o consenso, finalizando com a capacitação dessas classes ao exercício do poder.

Essa reforma é conduzida por uma contínua penetração cultural, através de três empreendimentos:

- Superação do senso comum, através da substituição dos valores culturais da burguesia;
- Conscientização política e ideológica; e
- Formação do consenso.

5.2.3.1 Superação do senso comum

O senso comum é o conjunto de valores, história, tradição, hábitos e costumes, conscientes ou inconscientes de uma sociedade. O senso comum que predomina em uma sociedade é o do grupo social dominante. A superação do senso comum dominante consiste em apagar certos valores tradicionais e substituí-los por conceitos novos e pragmáticos, 'abrindo a cabeça' das pessoas para as mudanças políticas, econômicas e sociais que serão responsáveis pela

transição para o socialismo, podendo ser conservados conceitos que possam ser aprimorados para contribuir para a formação da nova mentalidade.

Gramsci orienta que o Partido seja o centro da difusão do novo senso comum, mas que não seja o único, devendo estabelecer um sistema amplo no interior da Sociedade Civil, abrangendo vários canais de informação desvinculados das organizações políticas. Entre esses canais, destacam-se os meios de comunicação social (imprensa, rádio e televisão) e também o editorial, a cátedra, o magistério, o artístico e o intelectual. Nesta fase, são indispensáveis os intelectuais tradicionais, que agindo por conveniência ou por constrangimento da opinião pública disseminam os novos conceitos sociais, dando a aparência de espontaneidade.

O empreendimento de penetração cultural exige alguns procedimentos para propiciar uma ação eficaz. Estes procedimentos consistem em repetir os argumentos, variando as formas e os meios de difusão, atuar continuamente visando as massas populares e a formação de uma elite oriunda dessa massa e que com ela permaneça. Quando um indivíduo supera o senso comum e aceita os novos valores, estará em condições de compreender uma nova concepção de mundo e contribuir para sua concretização.

5.2.3.2 A conscientização político-ideológica

Uma vez iniciado o processo de mudança do senso comum e adquirida a compreensão de classe, passa-se ao momento que Gramsci chamou de 'momento da crítica e da consciência'. Nesta etapa, o foco é a orientação das classes subalternas no sentido de fazer a crítica da própria concepção de mundo para chegar a uma concepção unitária e coerente (entendimento do pensamento marxista em seu nível cultural) e lutar pela sua realização. Dessa forma, dá-se sentido político ao novo senso comum para a formação do consenso. O êxito dessa etapa depende da superação do senso comum atual e do sentimento de pertencer a uma classe que busca a hegemonia.

O trabalho do Partido consiste em fazer com que seus intelectuais apresentem uma filosofia crítica que discuta as contradições e injustiças da sociedade burguesa capitalista para depois conduzir a uma concepção de vida superior, socialista.

5.2.3.3 Formação do consenso

Para Gramsci, o consenso é a conformidade de um grupo social com as iniciativas do Estado para alcançar os fins que a sociedade pretende. Ele é a expressão objetiva da hegemonia que uma classe exerce sobre a Sociedade Civil e que a transforma em uma classe dirigente. O consenso respalda a atuação do governo, o agente da classe dirigente, no poder. Sendo

assim, teoricamente, ele só poderia ser expresso quando a classe subalterna já estivesse no poder.

Porém, Gramsci entende que a direção dos órgãos privados de hegemonia, a ação política do Partido e o programa de um governo 'socialista democrático' precisam contar com a adesão e o apoio da classe de que são parte; logo, o consenso manifesta-se de forma diferente a medida que a classe subalterna ganha consciência política e expressão de hegemonia, passando pelas seguintes fases:

- Concordância e apoio ativo aos dirigentes das organizações privadas de hegemonia para a construção da hegemonia;
- Atuação e apoio à atuação do Partido para a tomada do poder e realização do socialismo;
- Sustentação e apoio a um governo 'socialista democrático' para além do momento eleitoral; e
- Conformismo social no Estado Classe e apoio ao governo para conduzir as transformações que implementarão o socialismo.

O consenso é manifestado não só pela aprovação coletiva consciente e pela militância mas também mas pela opinião pública expressa nos meios de comunicação e pelas demonstrações coletivas, como as passeatas.

5.2.4 Neutralização do aparelho hegemônico e de coerção do grupo dominante

Gramsci relata em seus cadernos que as 'trincheiras' e 'defesas' das sociedades liberal-democratas dos países do capitalismo moderno e de democracia avançada são barreiras que impediram a vitória da 'guerra de movimento' marxista-leninista nesses países. Ele salienta que é preciso identificar os elementos da Sociedade Civil e do aparelho estatal que constituem este sistema. Entre esses elementos, destacam-se os órgãos de comunicação social, a escola, a igreja, os partidos políticos, o parlamento, as forças armadas e polícias e a família. Para Gramsci:

> A tomada do poder e a transição para o socialismo serão impossíveis sem a prévia neutralização desse sistema defensivo. (COUTINHO, 2012, p 63)

O empreendimento denominado por ele de 'espírito de cisão' é um amplo trabalho político, psicológico e ideológico que produz o enfraquecimento desse sistema defensivo (trincheiras e defesas), através de ações de intelectuais orgânicos na escola, no judiciário, na área editorial, e na igreja ocasionando a quebra da coesão interna, o constrangimento, a inibição a

perda do prestígio social e a modificação dos valores religiosos, morais e cívicos. Para ele, é uma batalha longa e paciente no seio da Sociedade Civil, que reduzirá à impotência as 'trincheiras' e 'defesas' da sociedade burguesa abrindo caminho para a tomada do poder.

5.2.5 Ampliação do Estado

Gramsci vê a integração da Sociedade Civil com a Sociedade Política. Nessa visão, a Sociedade Civil passa a executar certas funções públicas por meio de organizações privadas de hegemonia. Nessa integração, cabe à Sociedade Civil exercer a hegemonia, o consenso e a direção e cabe à Sociedade Política exercer a dominação, a coerção e o consenso.

Este é o conceito de 'Estado Ampliado' e só será pleno quando as classes subalternas conquistarem o poder. Antes disso, entretanto, o Estado já pode sofrer ampliações a medida que a classe subalterna assumir a hegemonia em certas organizações privadas e passar a assumir determinadas funções do Estado.

5.3 TERCEIRA FASE - ESTATAL

5.3.1 O Moderno Príncipe

Gramsci compara o partido revolucionário ao 'moderno Príncipe' em referência ao célebre livro Nicolau Maquiavel, do século XVI. Ele vê em ambos a função histórica da construção de uma nova ordem.

Na sua concepção revolucionária, as novas funções acrescidas ao Partido na fase Estatal são exercidas em quatro momentos distintos:

- Nas crises econômicas, políticas, sociais e na crise orgânica;
- No processo de tomada do poder;
- Na fundação do Novo Estado; e
- Nas transformações econômicas, políticas e sociais.

5.3.2 A crise orgânica

A crise orgânica é o momento em que o grupo dominante, representado pela Sociedade Política, perde a hegemonia, o consenso e a integração com a Sociedade Civil, tornando o Estado burguês vulnerável.

5.3.2.1 Crises político-sociais

São crises produzidas por fenômenos políticos e sociais nos quais ocorre uma fratura devido à pressão dos governados sobre a Sociedade Política. Os movimentos aparentemente

'espontâneos' que ocorrem no meio desta crise não são espontâneos, havendo sempre um dirigente do Partido por trás.

Estes movimentos ocorrem com mais frequência em classes que ainda estão na fase econômica corporativa, não tendo ainda tornado-se uma classe nacional. Porém, eles não devem ser desprezados, pois eles podem abrir caminho e proporcionar meios para a tomada do poder.

5.3.2.2 Crises de hegemonia ou de autoridade

Para Gramsci, a crise de hegemonia ocorre quando uma classe ou grupo social discorda e rompe com seu partido e seus representantes. A crise pode ocorrer devido ao fracasso de um projeto político da classe dominante ou quando elementos subalternos passam da passividade para o ativismo político. Estas divergências dão oportunidade às soluções inadequadas e perigosas ao movimento revolucionário, trazendo o risco de surgirem lideranças carismáticas salvadoras e reacionárias que ameacem a transição em curso.

A solução para essa crise de hegemonia ou de autoridade é a união de partidos sob a liderança do que melhor represente as reivindicações das classes insatisfeitas.

5.3.2.3 Crise institucional ou crise orgânica

Para o filósofo comunista italiano, a crise institucional ou orgânica acontece quando a classe dominante perde o consenso sobre a Sociedade Civil e deixa de ser dirigente, permanecendo no poder graças apenas à coerção.

Para ele, a crise deve ser dirigida pelo Partido para que se antecipem as condições de tomada de poder. As forças 'semelhantes' devem ser unidas por um plano de alianças ou por coação, porém, a força preferivelmente deve ser reservada aos que se opõe ao projeto revolucionário.

Nos regimes parlamentaristas, a crise pode vir do próprio mau funcionamento do sistema parlamentar. Coutinho diz-nos que é possível que uma crise no parlamento possa ser uma oportunidade do Partido se apresentar como a única solução institucional, ainda que em minoria, devido à sua organização, coesão e hegemonia. Para ele, é um caminho que mantém as aparências de legalidade (COUTINHO, 2012, p. 74).

5.3.3 A Tomada do Poder

Gramsci não especifica a tática de ruptura e tomada do poder que deve ser utilizada. Subentende-se que dependerá das condições do momento. Porém ele indica que deve ser um

ato de força. Para tanto, o braço político e o braço armado devem estar muito bem preparados para quando o 'momento favorável' chegar.

A tomada do poder é o momento culminante da luta de classes, mas não seu objetivo final.

5.3.3.1 Modelos históricos de tomada do poder

Na análise que fez dos "Cadernos do Cárcere", Coutinho relata que Gramsci não dá detalhes sobre o processo de tomada do poder, do que se pode deduzir que este varia de acordo com cada país e cada momento histórico. Entretanto, continua Coutinho, seus comentários indicam que este momento seria semelhante ao da concepção leninista, diferindo apenas na fase precedente (COUTINHO, 2012, p.76-77).

Ainda assim, nem a concepção leninista empregada nos países de tipo 'oriental' produziu resultados iguais. Gramsci morreu antes da maioria das tentativas e o dos golpes comunistas, então não pôde ver como se deram. Coutinho apresentou os principais:

- Levante armado;
- Guerra civil revolucionária;
- Guerra foquista;
- Via parlamentar;
- Via pacífica ou etapismo; e
- Rebelião popular.

5.3.3.1.1 Levante armado

Coutinho define levante armado como:

> "Ação armada inopinada executada por uma força sob o comando do Partido, regular ou irregular, contra o governo, para derrubá-lo e tomar o poder" (COUTINHO, 2012, p.77).

O braço armado é constituído por uma força popular composta por soldados, marinheiros e operários revolucionários. A ação é predominantemente urbana e pode ter êxito imediato ou se prolongar, desencadeando uma guerra civil.

5.3.3.1.2 Guerra civil revolucionária

Guerra interna militar entre dois ou mais partidos. Inclui ações militares expressivas, podendo ter uma duração prolongada e os partidos ocupando áreas definidas do território. O

braço armado é um exército popular de certo vulto. Inicia-se com ações irregulares, passando a regulares (modelo chinês).

5.3.3.1.3 Guerra foquista

Modelo utilizado em Cuba. Ações são predominantemente irregulares e executadas por 'focos guerrilheiros'. Utiliza ações de guerrilha rural com apoio de ações de terrorismo urbano.

5.3.3.1.4 Via parlamentar

Modelo checo. Ações políticas sob a forma de 'pressão de base' (agitação e propaganda, greve, sabotagem, intimidação, etc.) e 'pressões de cúpula' (bloqueio e obstrução de parlamentares, oposição radical, exigência de mudanças, terrorismo, etc.), que façam crer ser o partido revolucionário a única solução possível, imbuindo-o de poder.

O braço armado é composto por milícias populares, guardas de fábricas e organizações policiais que estiverem sob controle do Partido. Aparentemente este é o modelo mais apropriado para Gramsci.

Este modelo também utilizado pelos partidos nazistas e fascistas na Alemanha e na Itália.

5.3.3.1.5 Via pacífica ou etapismo

Modelo Kruschev/Modelo brasileiro (1961-1964). Ações predominantemente políticas (sobretudo alianças). Um braço armado de milícias populares, grupos de operários e camponeses é o instrumento de respaldo para o golpe de Estado.

5.3.3.1.6 Rebelião popular

Prega a derrubada do governo pela força antes do golpe de estado. O braço armado é composto por grupos urbanos armados e grupos de guerrilheiros rurais.

A ruptura e tomada do poder podem ser conduzidas por três atos de forças diferentes:

- golpe de estado, com o braço armado dando respaldo à ação política;
- levante armada; e
- guerra civil revolucionária.

Tanto no levante armado quanto na guerra civil revolucionária é o próprio elemento armado que realiza a tomada do poder.

5.3.3.2 O braço armado do partido

Gramsci admite a necessidade de um instrumento armado. Este deve ser preparado com antecedência e em sigilo. Ele chama esta preparação de armas e elementos de assalto de 'guerra subterrânea'.

Este instrumento armado poderá ser formado por grupos de assalto ou seguranças armados dos partidos, dos sindicatos e das fábricas. Posteriormente, os movimentos reivindicatórios urbanos e rurais poderão ser progressivamente armados. Gramsci não descreveu em detalhes a organização destes grupos, talvez devido à falta de levantes comunistas a que tenha presenciado.

5.3.4 Fundação do Novo Estado

Para Gramsci, o Novo Estado nasce das cinzas do antigo, em um processo rápido de desconstrução-reconstrução. Isto envolve dois empreendimentos:

- organização do Estado-classe ou Estado Ético;
- imposição da nova ordem revolucionária.

Isto feito, o Estado Classe deverá realizar as transformações das superestruturas e estruturas para permitir a realização do socialismo.

5.3.4.1 O Estado Classe e o Estado Ético

O Novo Estado assume as características do Estado Classe, identificando-se com os indivíduos das classes populares. A primeira providência é o restabelecimento dos órgãos governamentais buscando criar a base de uma unidade bem articulada entre a Sociedade Civil e a Sociedade Política. É a concretização do Estado Ampliado.

Entretanto, enquanto a sociedade não estiver pronta, é necessário que o Estado passe por uma fase de totalitarismo para que possa consolidar a hegemonia, semelhante à ditadura do proletariado soviética. Para que este Estado totalitário não se torne perene, deve haver não uma transição para a democracia, mas uma substituição do Estado pela Sociedade Civil a medida que esta assuma progressivamente suas funções, culminando no 'Estado sem Estado' a 'Sociedade Regulada', o comunismo na sua essência.

Neste processo, destaca-se a imagem do Estado Ético, que deve promover o crescimento da Sociedade Civil na política sem tolher suas iniciativas espontâneas e livres.

5.3.5 Imposição da Nova Ordem

A questão subsequente ao Partido Classe e ao Estado novo é a implantação da nova ordem, etapa crítica que se desenvolve em meio ao caos, sob a ameaça de uma intervenção 'cesarista'[4], que pode interromper o curso da revolução.

A primeira questão do novo regime, de caráter ditatorial-militar, deve ser a instituição do 'Exército Vermelho'. Este pode se aproveitar de ex-militares progressistas, mas deve preferencialmente ser formado por camponeses, evitando os mercenários e voluntários estrangeiros.

A segunda questão é a destruição do aparelho hegemônico e estatal burguês, que deve ser feito simultaneamente à criação de novos órgãos de governo e à retomada da atividade econômica (processo de destruição-reconstrução).

A terceira questão é a superação das resistências internas, na figura dos velhos dirigentes intelectuais 'teimosos' e aos radicais de certos segmentos revolucionários.

5.3.6 Transformação para o Socialismo

Depois da imposição da nova ordem revolucionária, Gramsci prevê que o Estado Classe dedicar-se-á a condução das transformações necessárias à implementação do socialismo no aparelho econômico, na sociedade, nos indivíduos e no sistema político. Essas transformações também devem destruir o sistema capitalista, eliminar a classe burguesa e superar o sistema liberal-democrático.

As mudanças operam essencialmente sobre as forças econômicas, modificando o sistema de produção, e, paralelamente, sobre as superestruturas políticas e sociais.

5.3.6.1 As transformações da estrutura econômica

A instauração progressiva de uma nova estrutura sanará as contradições existentes na sociedade capitalista e permitirá o desenvolvimento econômico. Para isso, deve-se superar o sistema de produção baseado na propriedade privada e na divisão do trabalho, que resultam na divisão de classes. A atividade econômica da massa deve ser fundamentada na propriedade coletiva dos meios de produção (estatização, coletivização ou gestão coletiva desses meios).

5.3.6.2 As transformações da Sociedade Civil e do indivíduo

O Estado Classe deve realizar as transformações na Sociedade Civil para que ela se adapte à nova estrutura econômica. Gramsci prevê que apenas a propaganda e persuasão não

---

[4] Intervenção realizada pelo atual governo com a intenção de realizar um contra golpe.

serão suficientes. As mudanças devem propiciar a reforma moral e intelectual dos indivíduos e desenvolver uma vontade coletiva popular. Porém, nos casos de ação ou omissão criminosa, deverá haver uma repressão punitiva.

5.3.6.2.1 Unidade do grupo social dominante

Um dos objetivos da luta de classes é a destruição ou assimilação da burguesia pela classe proletária. Para isso, é importante que ela seja assimilada como um todo pelas classes proletárias, tornando-se homogênea. Os diferentes graus de desenvolvimento que as classes subalternas alcançarem determinarão a maneira pela qual será elaborada sua homogeneidade.

5.3.6.2.2 Reforma intelectual e moral dos indivíduos

Tornando-se homogêneo o grupo social, o Estado deve criar um conformismo social[5].

O conformismo social é um desdobramento do consenso. Para tanto, o Estado deve criar novos tipos de convivência e relações individuais e difundir novos costumes segundo um plano que educa, incita, pressiona e pune. O direito revolucionário, a escola e outras instituições serão instrumentos para isso. Essa transformação tem por finalidade a luta contra o individualismo, especialmente o individualismo econômico, que nesta fase já deve estar superado.

5.3.6.2.3 A formação da vontade coletiva nacional-popular

A formação de uma vontade coletiva[6] nacional-popular é um dos primeiros esforços para a transformação da Sociedade Civil.

A vontade coletiva é a manifestação completa do consenso que permitirá a realização das transformações concretas e criará a nova civilização. Sua formação consiste no desenvolvimento de qualidades, traços característicos e deveres. Esta vontade coletiva é uma relação continuada entre governantes e governados, não devendo ser servil, mas voluntária, para atingir os fins desejados pela sociedade sem anular a personalidade e a liberdade. Para Gramsci, em determinadas ocasiões será necessário a imposição da disciplina para garantir o êxito do projeto ou impedir a aparição de segmentos sociais resistentes.

---

[5] Conformismo social - Assimilação pelas massas, espontânea e livremente, de um novo comportamento intelectual e moral adequado ao desenvolvimento de um novo aparelho econômico de produção e de uma nova humanidade.

[6] "Vontade Coletiva - desígnio, como consciência operosa da necessidade histórica do grupo social, protagonista de um processo de transformação para realizar um determinado fim político.

5.3.6.3 As transformações no sistema político

A mudança política concreta se dá no momento em que o poder é conquistado pelas classes subalternas e o Estado liberal democrático burguês é superado. O novo Estado assume então uma forma ditatorial para conduzir as transformações necessárias.

O processo de ampliação do Estado pela inserção da Sociedade Civil na Sociedade Política tem como consequência final o desaparecimento do próprio Estado que, segundo Gramsci, é a 'catarse' que levará ao comunismo.

6 GENEALOGIA DA GUERRA CULTURAL

6.1 FASE ITALIANA

Após sua morte em 1937, os *Cadernos do Cárcere* de Gramsci foram entregues à Tatiana Schucht, sua cunhada e remetente. Esta encaminhou os cadernos a um grande amigo do autor Palmiro Togliati, que à época residia em Moscou para escapar do jugo fascista.

Togliati notou o caráter discordante do marxismo clássico nas obras de Gramsci e seu valor teórico e se incumbiu de organizar uma edição. Esta edição, entretanto, só seria realizada após a Segunda Guerra mundial, em 6 volumes publicados entre 1948 e 1950. (SA Coutinho)

6.2 FASE BRASILEIRA

Até o final dos anos 50, a obra de Gramsci era pouco conhecida no Brasil, com citações escassas de um ou outro intelectual marxista e sem maior relevância. Os primeiros indícios de uma tradução de Gramsci começam em 1962, mas uma tradução da edição de Togliati no Brasil só se daria entre 1966 e 1968, a cargo de Ênio Silveira, chefe da editora de esquerda Civilização Brasileira.

Entretanto, esta primeira edição não focava no lado político do pensamento do autor, e sim o mostrava como um pensador marxista, filósofo e crítico literário, reservando à sua teoria política apenas algumas poucas linhas.

Já na década de 70, com o declínio da luta armada, o PCB, órgão majoritário da estrutura de esquerda no Brasil à época, mostrava-se incapaz de lidar com o Regime Militar. Concomitante a isso, é lançada uma nova edição dos *Cadernos*, desta vez expondo a natureza do pensamento político de Gramsci.

A rigidez do PCB para com a doutrina marxista-leninista e seu declínio, assim como o surgimento do PT, partido de esquerda independente do PCB, abriram caminho para a doutrina gramscista se desenvolver, agora representada pelos 'euro-marxistas'.

A ideia se disseminou ainda mais quando da derrocada do Regime Militar, com setores 'liberais' insatisfeitos com o regime identificando-se com a categoria gramscista de Sociedade Civil, compreendendo nela tudo aquilo que é contra o Estado, numa deturpação maniqueísta do pensamento do autor (CN Coutinho, 2008).

Desde então, a quantidade de trabalhos universitários sobre o autor no Brasil só aumentou, convertendo-se em um dos autores estrangeiros mais lidos e estudados em território nacional.

7 CONCLUSÃO

Em seus estudos, Gramsci verificou que os valores das sociedades ocidentais são diferentes das orientais.

Na Rússia Czarista o modelo leninista-marxista obteve sucesso porque o país tinha um capitalismo atrasado e uma Sociedade Civil inexpressiva. Ele concluiu que este modelo não seria exitoso na implantação do socialismo nas sociedades ocidentais, onde tanto o capitalismo como as sociedades civis eram desenvolvidas.

Para as sociedades ocidentais, seu modelo previa a destruição de valores (culturais, históricos, familiares...), através da infiltração de agentes nas escolas, universidades, meios editoriais. A destruição dos valores da sociedade é pré-condição para que haja a ruptura do domínio burguês e a tomada do poder.

Para obter êxito, seu método utiliza um dos maiores valores das sociedades ocidentais, a Democracia. Através dela, os partidos comunistas se desenvolveriam, promovendo clandestinamente a destruição dos valores da sociedade, provocando a ruptura com a sociedade burguesa e política, apresentando-se como a única opção viável de governabilidade, finalizando com a tomada do poder.

Assumindo o poder, a Democracia que garantiu a liberdade para o crescimento do Partido Comunista seria suprimida. Para a Sociedade Civil, agora desprovida de valores, seriam difundidos novos costumes segundo um plano que educa, incita, pressiona e pune.

Gramsci acreditava que seu modelo conduziria a uma sociedade onde o Estado seria ausente e a própria Sociedade Civil educada nas regras do socialismo executaria todas as funções do Estado, levando ao 'Estado sem Estado' (SA Coutinho, 2012, p.51). Ele não viveu para ver o seu modelo em prática, pois faleceu em abril de 1937. Entretanto seu trabalho vive e prospera nas universidades do Brasil.

O reconhecimento da esfera de Guerra Cultural é fundamental para a preservação das instituições militares, para que estas não sejam subvertidas ou percam seu capital cultural. Como foi expresso pelo jornalista inglês G. K. Chesterton, a Tradição se constitui num diálogo entre os vivos, os mortos e os que estão por nascer. Herdamos costumes, valores e tradições daqueles que nos precederam na missão da defesa da Pátria, e é nosso dever conservá-los e legá-los àqueles a quem passaremos a tocha quando a hora chegar.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, C. N. A Presença de Gramsci no Brasil. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 22, 2009.
COUTINHO, S. A. D. A. **A Revolução Gramscista no Ocidente:** A Concepção Revolucionária de Antônio Gramsci em Cadernos do Cárcere. Rio de Janeiro: Bibliex, 2012.
GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. 1 Ed. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 1999.